

# CIACT/SAD 09

(GT10 - Vida em Fronteiras)

## **Prelúdio para um lugar qualquer: cartografia de uma prática artística**

Mestranda Valdirene Schneider (UFFS)

### Resumo

Este é um texto prelúdio, uma costura de fragmentos e notas coletadas nos arquivos do ateliê. Palavras isoladas conduzem a escrita, poetizando, entre flashes e diagramas, a gestação de uma prática artística. Um inventário que, ao revisitar fotos, desenhos, escritas e objetos, relembra o processo de criação de “Prelúdio para um lugar qualquer: espaço temporário de experiências”. Essa prática foi pinçada de uma investigação baseada na coleta de objetos sem dono, resíduos e restos que foi feita nas ruas e no lixo. Tratados como pequenos sinais de existências, esses objetos servem para mediar deslocamentos, silêncios e escutas, vulnerabilidades e desejos. Objetos podem assumir formas-metáforas? Podem dizer vidas? Coisas descartadas carregam memórias? Podem mediar experiências artísticas? Em diálogo com Jorge Larrosa e seu olhar desde a experiência, o texto ensaia possibilidades e lugares de uma prática artística coletiva. Palavras-chave: Escuta; Objetos do cotidiano; Memórias afetivas; Experiência.

### *Abstract*

*This is a prelude text, a stitching together of fragments and notes collected in the studio's archives. Isolated words guide the writing, poeticizing, between flashes and diagrams, the gestation of an artistic practice. An inventory that, by revisiting photos, drawings, writings and objects, recalls the process of creating “Prelude to a Place Any: Temporary Space for Experiences”. This practice was derived from an ongoing investigation: a collection of ownerless objects, waste and scraps carried out on the streets and in the trash. Treated as small signs of existence, these objects serve to mediate displacements, silences and listening, vulnerabilities and desires. Can objects take on metaphorical forms? As former things, can they say lives? Do discarded things carry memories? Can they mediate artistic experiences? A dialogue with Jorge Larrosa and his perspective from experience, is borrowed to rehearse possibilities and places of a collective artistic practice.*

*Keywords: Listening; Everyday objects; Affective memories; Experience.*

### PRELÚDIO

Este é um texto prelúdio, uma costura de fragmentos e notas coletadas nos arquivos do ateliê a partir dos quais relato o processo de criação de um trabalho artístico de 2019 intitulado “Prelúdio para um lugar qualquer: espaço temporário de experiências”. Flutuando entre flashes da minha memória, arquivos digitais e estantes do ateliê mapeei o trajeto dos guardados.

# CIACT/SAD 09

Considere o olhar de Virginia Kastrup que sugere que mapear pede uma atenção cartográfica aberta, concentrada e flutuante onde “Voos e pousos conferem um ritmo ao pensamento e a atenção desempenha aí um papel essencial (Kastrup, 2007, p.16)”. Também considere o que diz Lucia Pimentel: que palavra experiência escapa às fronteiras de um único campo de conhecimento e que cada artista pode buscar uma perspectiva que lhe faça sentido (PIMENTEL, 2015). Assim, como as autoras indicam, escolhi a perspectiva “A experiência é *“isso que me passa”* (LARROSA, 2011, p.6)” como uma espécie de fio para costurar os voos e os pousos desta escrita. A percepção da memória como experiência que se atualiza, se transforma e não se não acomoda me levou a imaginar que a criação deste texto viria a ser uma espécie de edição: desde materialidades e temporalidades da revisão dos guardados, desde esquecimentos e afetos, desde a influência do agora mesmo.

## AGORA

Este é um texto prelúdio porque enquanto escrevo ocorre um “isso que me passa” agora mesmo como pesquisadora de mestrado. Motivada por esse mesmo trabalho artístico que relato aqui, a pesquisa objetiva instaurar práticas artísticas como escutas coletivas, para sondar lugares da memória subjetiva no atual contexto de hibridização da vida e das tecnologias que, como aponta Giselle Beiguelman, “[...] vêm dinamitando as compartimentações entre natural e artificial, nos novos horizontes artísticos e políticos que se impõem para além das velhas dicotomias entre real e virtual (BEIGUELMAN, 2013, p. 173)”. Olhando para esse mesmo cenário, Lucia Santaella diz que “[...] a arte atual está emaranhada em uma rede de forças dinâmicas, tanto pré-tecnológicas quanto tecnológicas, artesanais e virtuais, locais e globais [...] (2009, p.143)”. Como pesquisa que considera esse contexto e que se dá num Programa Interdisciplinar que não é no Campo das Poéticas Visuais, é possível pressupor um caminhar em fronteiras, transitar por beiras e bordas. Buscar possíveis integrações e partilhas de saberes, como sugere Olga Pombo (2005). Talvez este texto também seja um prelúdio para uma pesquisa de mestrado em devir.

# CIACT/SAD 09

## INVENTÁRIO

Vasculhando papéis e cadernos para buscar notas e rascunhos da gestação do trabalho, encontrei diagramas que intitulei “mapas do meu pensar”. Esqueci completamente que eles existiam. Encontrei outros que fiz naquele período de janeiro a maio de 2019. Escolhi digitalizar um deles pois as relações entre as palavras dão pistas do início da gestação do trabalho artístico (Figura 1).

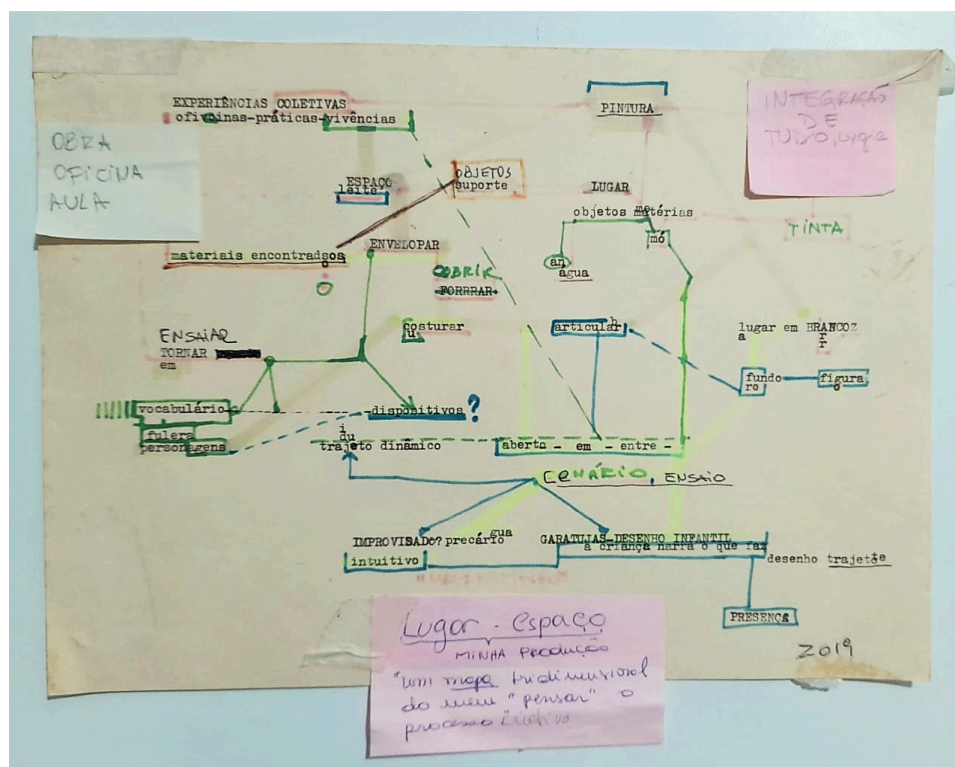


Figura 1 - Diagrama “Mapa do meu pensar”, 2019. Datilografia, *post its* e canetas sobre papel sulfite.  
Fonte: Imagem digitalizada, autoria e arquivo pessoal.

Para visualizar os achados escrevi uma tabela. Descobri, nessa escrita organizada em linhas e colunas, uma dimensão poética do inventário: que é descritiva dos sinais de existência (arquivos) como memória tangível do processo criativo. Ao escrever a tabela 1 percebi que precisaria fazer escolhas para este breve relato: pousar em alguns lugares do arquivo. Não em todos eles.

# CIACT/SAD 09

Tipo de arquivo	Lugar	Conteúdo
<b>Papel (2019)</b>	Cadernos, post-its blocos, folhas	Notas, palavras e rascunhos. Listas de objetos em coleta. Frases do livro <i>Gesto Inacabado</i> de Cecília Almeida Salles. Esboços de montagem.
	Folhas A4	Três “mapas do meu pensar”, diagramas com palavras e ideias.
	Caderno de caligrafia	Notas sobre uma escola que me convidou para pensar um ateliê na Abordagem <i>Reggio Emilia</i> , na mesma época.
<b>Orgânico (sem data)</b>	Meu corpo	Imagens mentais e sensações da memória que se atualizam, flutuam, ora se apagam, ora são mais vívidas.
<b>Objetos (2019)</b>	Objetos de coleta	Restam alguns dos duzentos objetos coletados. Há novos objetos.
	Criações dos participantes	Não as encontrei pois, em sua maioria, foram efêmeras (registradas em fotografias digitais).
<b>Digital (2019)</b>	Fotografias	Do ateliê antes e durante, das coletas, da montagem na UFFS, do trabalho, dos participantes e das suas criações, etc.
	Vídeos e áudios	Fragmentos da conversa com o grupo logo após a prática.
	Duas pastas	Vários arquivos com: imagem e texto de divulgação, certificado, palavras e significados, textos de artigos e entrevistas copiados e colados da internet.
<b>Digital (2023)</b>	Arquivo de texto PDF	Ensaio “Coleta poética: inventário de uma prática artística”. Primeiro ensaio sobre o mesmo trabalho artístico apresentado durante o Seminário Escrita e Subjetivação, PPHICH (UFFS).

Tabela 1 - Lista de arquivos encontrados no ateliê e no computador.

## TRABALHO

“Prelúdio para um lugar qualquer: espaço temporário de experiências, 2019” aconteceu numa sala de aula/ateliê do curso de Arquitetura da UFFS de Erechim, RS. Consistiu numa instalação com cerca de duzentos objetos arranjados sobre vinte mesas postas na sala (Figura 2) e



# CIACT/SAD 09

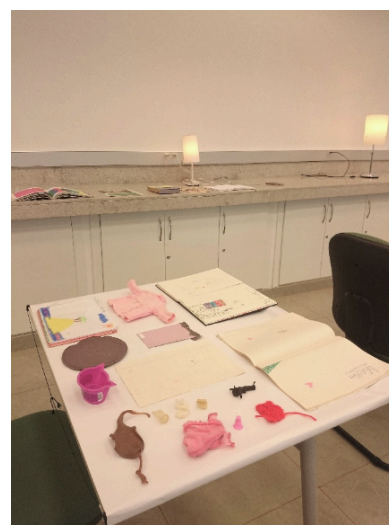
recebeu um grupo de dezoito pessoas. A “obra” não foi exibida, mas sim experienciada e modificada pelo grupo, onde os objetos e o espaço da sala de aula foram, eles mesmos, mediadores de um ensaio criativo. Poeticamente, os objetos foram anunciados como “pequenos sinais de existências” das coisas que um dia foram de alguém: objetos e restos que coletei nas gavetas, nas ruas, no lixo. Propus ao grupo que criasse outros cenários e arranjos: quebrando, colando, empilhando, pintando, articulando memórias afetivas e aspectos simbólicos, até mesmo comendo objetos. Tudo em silêncio. Ao final, uma conversa quebrou o silêncio e o espaço foi lugar de uma escuta sobre as experiências reflexivas e visuais de cada pessoa.



A



B



C

Figura 2 - Detalhes de “Preludio para um lugar qualquer: espaço temporário de experiência, 2019”.  
Fonte. Fotografias digitais de autoria e arquivo pessoal.

## ESCRITA

Em 2023 escrevi um ensaio intitulado “Coleta Poética: inventário de uma prática artística” durante o “Seminário Escrita e Subjetivação”. Foi a primeira escrita sobre esse mesmo trabalho. Trouxe um fragmento daquele texto para dentro deste capturando partes dele na tela do computador. O ensaio de oito páginas tratou mais de afetos e sensações do que uma descrição

# CIACT/SAD 09

objetiva do processo criativo. Foi diagramado em duas colunas onde palavras isoladas a esquerda, como no exemplo da figura 3, direcionam a leitura. Coletar palavras como se coletasse objetos foi uma forma de poetizar a escrita sobre o inventário. O ensaio permitiu experimentar uma forma textual menos usual na escrita acadêmica e algumas das perspectivas sobre escrita e subjetivação que foram discutidas durante o Seminário.

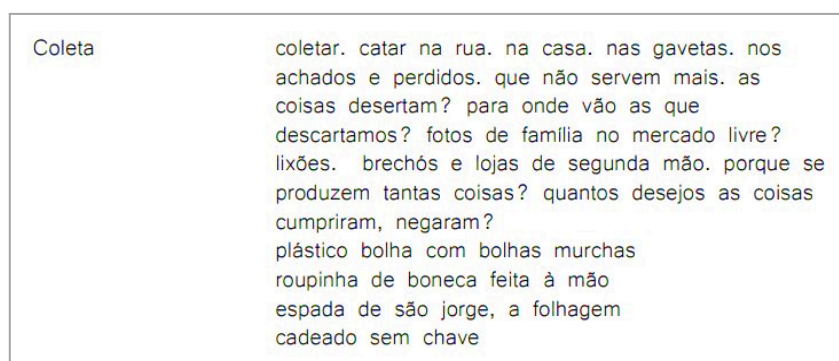


Figura 3 - Fragmento do ensaio “Coleta Poética: inventário de uma prática artística” de 2023.  
Fonte. Captura de tela do texto em PDF. Autoria e arquivo pessoal.

## ESCUITA

Com a figura 4 trago outra parte do mesmo ensaio. Ela trata de uma das poucas orientações que fiz ao grupo: ficar em silêncio durante a experiência. A comunicação se daria por gestos ou escrita com giz no quadro e o silêncio seria quebrado numa conversa ao final. Nos áudios da conversa algumas pessoas disseram que silenciar foi acolhedor; que não ter interferências sonoras, vozes, opiniões dos outros e não ter uma orientação precisa foi libertador. Outros disseram ter sentido um incômodo ao não poder falar e falta de uma direção clara ou menos poética. É difícil experimentar? Larrosa diz que a experiência é cada vez mais rara por quatro razões: por excesso de informação, por excesso de opinião, por falta de tempo e por excesso de trabalho (Larrosa, 2011). Talvez, se o silêncio for acolhido como uma escuta de si, dos objetos e dos outros, assumido como um estado de menos informação, menos opinião ou mais pausa, ele possa ativar outras formas de atenção mais abertas e porosas, expostas aos acasos e vulnerabilidades.

# CIACT/SAD 09

Silêncio

silencie dentro e fora de si. ative um estado de presença devagar, vagaroso. interrompa o que está fazendo. desocupe uma função do corpo. ative as mãos. os olhos. a respiração. o nariz e os ouvidos. o que ainda se faz em silêncio? o silêncio incomoda? *desautomatize* o ruído. entre em estado de delicadeza. não julgue o seu fazer. aquiete-se para ouvir e ver e sentir.

Figura 4 - Fragmento do ensaio “Coleta Poética: inventário de uma prática artística” de 2023.  
Fonte. Captura de tela do texto em PDF. Autoria e arquivo pessoal.

Quando criei o trabalho, não ter uma orientação precisa e ficar em silêncio foram pensados como estímulos a um estado de pausa, de delicadeza, de lentidão, de atenção. Larossa diz que para experimentar é preciso ficar exposto e disponível para “uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, [...] uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (LARROSA, 2011, p.21). Seja como um lugar de passagem ou de chegada, o sujeito da experiência se define menos por sua ação e mais por sua disponibilidade e por sua abertura, sua sensibilidade e sua vontade de se expor, se deixar experimentar, complementa o autor. Nesse sentido, a intenção do trabalho artístico proposto estava muito mais atenta aos efeitos e afetos da experiência criativa do grupo dada naquele espaço, com aqueles objetos e naquela situação efêmera, do que uma determinada qualidade estética ou compositiva da imagem resultante das invenções das pessoas.

## OBJETOS

Outro recurso do primeiro ensaio foi a descrição das mesas e objetos em diagramas (Figura 5) ao invés de inserir imagens dos esboços da montagem de 2019 no texto. Ler uma descrição dos objetos em vez de vê-los foi uma forma de poetizar as relações estéticas, simbólicas e visuais dos conjuntos de objetos que preparei para a instalação.

# CIACT/SAD 09

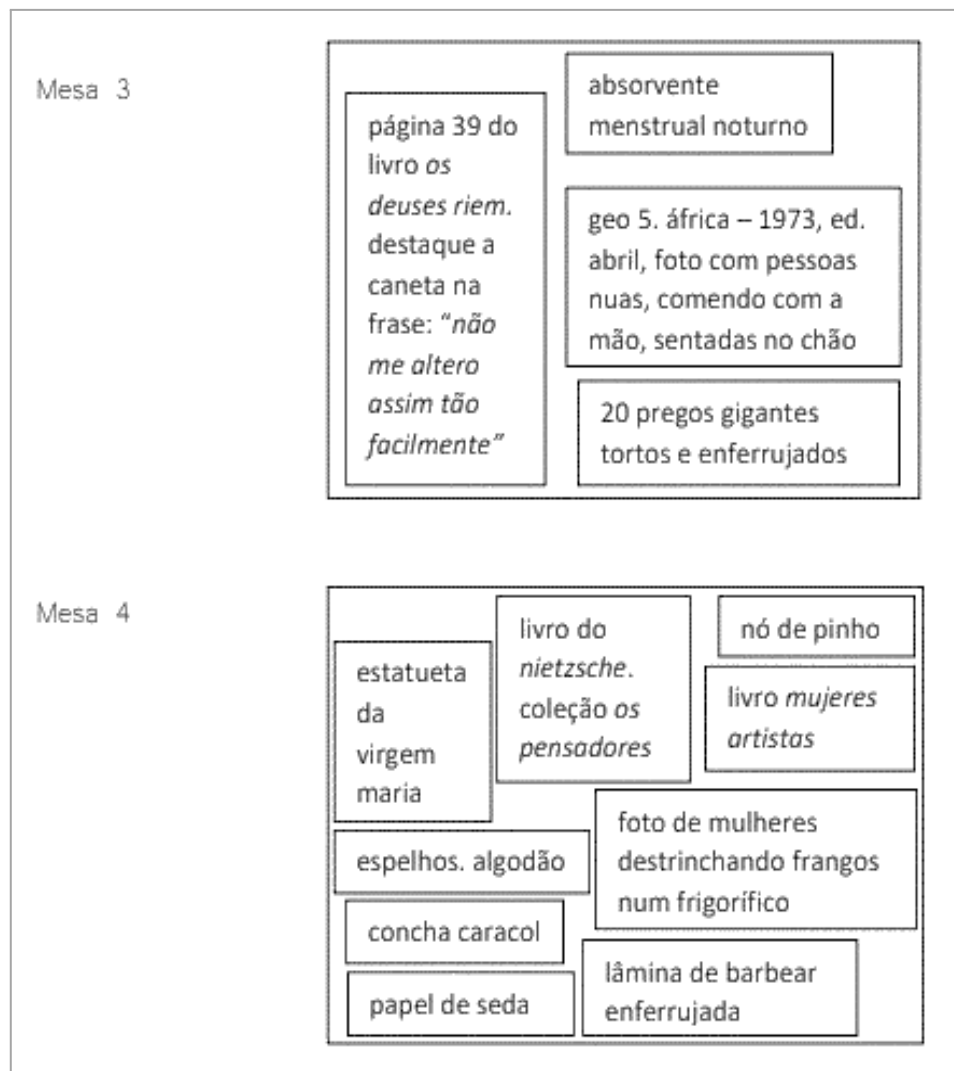


Figura 5 - Fragmento do ensaio "Coleta Poética: inventário de uma prática artística" de 2023.  
Fonte. Captura de tela do texto em PDF. Autoria e arquivo pessoal

## PESSOAS

Larrossa (2011) diz que a experiência é uma relação. O autor se refere a uma relação com a leitura, desde a educação. Inferindo essa ideia para o trabalho artístico, arrisco-me a pensar que o mais importante foi a relação entre as pessoas, os objetos e o espaço/tempo de seu acontecimento. Talvez as imagens, enquanto registros poéticos e simbólicos do que foi efêmero,

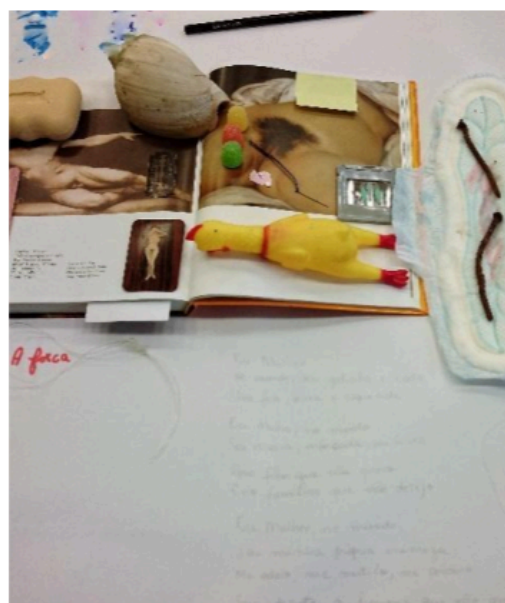


# CIACT/SAD 09

possam sugerir tal relação. Na escuta do áudio a pessoa que criou a figura 6 A relembrou um ritual de sua família ao compor com pães, canela, papel, velas, fogo, argila, plantas, garfo. Sobre a figura 6 B, outra pessoa contou que escreveu uma poesia sobre si como mulher criando uma composição com concha, sabonete, miniaturas, pregos, absorvente menstrual, jujubas e galinha de borracha sobre um livro de história da arte. Escolhi trazer apenas esses dois exemplos pois foram muitas as criações e as relações reflexivas que as pessoas ensaiaram no decorrer das quatro horas em que estivemos naquele lugar.



A



B

Figura 6 - Fotografias das criações de duas pessoas.  
Fonte. Fotografias digitais de autoria e arquivo pessoal.

## COSTURA

Jorge Larrosa enfatiza que a experiência não se limita ao que acontece, mas sim ao que nos afeta: “Se a experiência é *“isso que me passa”*[..] ao passar por mim ou em mim, deixa um vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida (LARROSA, 2011, p.8)”. Esta experiência, enquanto escritora e artista, tenta dizer dos afetos desde uma prática artística coletiva que se iniciou com a

# CIACT/SAD 09

coleta de objetos do cotidiano, descartes e restos. Se a experiência fora de mim puder ser disparada pelo encontro com um objeto, e em mim, na reflexividade da sua aparição, o “isso que me passa” Larrosa surgiria através de uma imagem mental, uma memória difusa, uma sensação. Uma experiência um tanto sísmica, em suspensão, um tempo outro. Surgiria, talvez, aquilo que me falta e não sei o dizer o que é. Algo que se abre, não se deixa capturar de todo, um rizoma, que se alastra indefinidamente ou algo que circula infinitamente. No indizível do “isso que me passa” é possível capturar uma forma escrita? Qual benefício se pode experimentar ao se dispor a um estado de ensaio, de prelúdio constante nesse fazer do texto, ou no que foi o fazer daquele trabalho artístico? O que passou torna-se atual, alterando de certa forma a minha própria memória. Escrevi o que você leu nesta seção, não como respostas, mas como mais uma possível motivação para o existir deste texto. Talvez, porque na experiência de relatar pude observar que algo parecido se manifestou nas falas das pessoas daquela conversa, ao final da prática artística de 2019.

## ALINHAVO

No trajeto deste texto revisitei o processo criativo do trabalho artístico “Prelúdio para um lugar qualquer: espaço temporário de experiências” a partir do mapeamento dos arquivos digitais, imagens, áudios, textos, fragmentos e notas que estavam armazenados no ateliê. Na construção desta escrita busquei um diálogo com Jorge Larrosa, trazendo sua perspectiva sobre a experiência “isso que me passa” como uma espécie de linha de costura entre os voos e pousos de uma cartografia dinâmica e oscilante; entre a materialidade tangível dos arquivos e uma memória flutuante, orgânica e em transformação no agora. Ao concluir o texto percebo que talvez essa costura seja mais próxima de um alinhavo do que de uma emenda bem-acabada pois continua sendo um texto prelúdio, um ensaio para um lugar qualquer, em devir. Recuperar e visitar arquivos de um trabalho artístico, que ocorreu um única vez há cinco anos atrás, trouxe a possibilidade de observar algumas questões sobre minha própria produção artística como lugar de experiências coletivas que talvez, enquanto produção artística e de pesquisa no cenário atual dos hibridismos acelerados da vida e das tecnologias, poderá vir a ser uma obra ou uma

# CIACT/SAD 09

abordagem que não opera numa lógica de produção de novos objetos, mas como lugar de mediação e escuta de afetos.

## REFERÊNCIAS

- BEIGUELMAN, Giselle. *Arte pós-virtual: criação e agenciamento no tempo da internet das coisas e da próxima natureza*. In: *Cyber-arte-cultura: a trama das redes*. Vila Velha: Museu Vale, 2013.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & sociedade*, v. 19, p. 15-22, 2007.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, jul.- dez. 2011.
- PIMENTEL, Lucia. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. *Ouvirouver*, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 88–98, 2015.
- POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. In. *LIINC em Revista*. n. 1 v. 1, 2005.
- SANTAELLA, Lucia. O pluralismo pós-utópico da arte. *ARS (São Paulo)*, v. 7, p. 130-151, 2009.
- SCHNEIDER, Valdirene. Coleta poética: inventário de uma prática artística. Ensaio apresentado em 2023 durante o Seminário Avançado Escrita e Subjetivação no PPGICH da UFFS.

### **Como citar este texto:**

SCHNEIDER, Valdirene. Prelúdio para um lugar qualquer: cartografia de uma prática artística. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 9, 2024, Belo Horizonte. *Anais do 9º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais 2024*. Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2024. ISSN: 2674-7847. p.1-11.